

QUESTÕES SOBRE LITERATURA CONTEMPORÂNEA, MEMÓRIA E MEIOS DIGITAIS*

Everton Vinicius de Santa (UFSC/NuPILL/CAPES)

Resumo: O debate deste ensaio é entender o interesse dos novos autores do século XXI sobre a memória, ou seja, sobre quem faz uso dela e como os meios digitais interferem nesse processo de espetacularização desses escritores. De que maneira autores contemporâneos, imersos e indissociáveis de uma veiculação midiática, aparentemente, usam dessa exposição para justificar suas escolhas na criação da obra literária? De fato, esses escritores instigam o leitor querendo saber de onde vem a história narrada, reiterando ou retroalimentando o foco sobre a própria obra do autor. Então, este debate tem por objetivo comprovar a hipótese de que esse autor da literatura contemporânea tem a memória como seu ponto de partida para a criação literária (obviamente), não apenas como ferramental para a construção narrativa, mas como uma vertente literária favorecida pelos meios virtuais sobretudo em função da internet, que interfere e/ou influencia no processo criativo da obra e na relação desse escritor com o seu público leitor.

Palavras-chave: Memória; Literatura contemporânea; Literatura digital; Identidade.

Introdução

Esta reflexão levanta o debate sobre a literatura contemporânea, sobre os mecanismos de memória e sobre a criação literária envolvendo os meios impresso e digital, sobretudo, com foco no romance e na influência do espaço digital na constituição do texto literário e da identidade desse sujeito-autor espetacularizado. O romance no atual cenário da literatura brasileira porque envolve, atualmente, problemáticas sobre questões de estética, autoria, formas e motivos. O espaço digital e suas ferramentas porque possibilita, sobretudo os blogues, “um suporte para a escrita contemporânea utilizado pelos escritores como estratégia de inserção do circuito artístico-literário, vitrine de sua produção tanto para editores quanto para o público leitor”, segundo Ana Cláudia Viegas (2008, p. 2).

Desse modo, no âmbito da literatura contemporânea, algumas proposições me permitem pensar muitas das questões que cerceiam essas problemáticas sobre a memória ligada à literatura, à vida literária e, conseqüentemente, às narrativas aqui abordadas: o que motiva esse autor contemporâneo que tanto preza pela (des)memória, pelo (des)esquecimento? Será mesmo que a literatura contemporânea caracteriza-se como uma literatura da memória e da saudade? Esses fragmentos da vida presentes em romances,

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivre.org>

memórias e autobiografias representam também um sujeito-autor de identidade fragmentada, como aquele que observamos no início do século XX? Até que ponto o olhar do outro, do leitor, interfere na criação da obra literária e do próprio autor quando se volta para si mesmo? O discurso da memória é um discurso da verdade? Será mesmo a memória um recurso temático, estilístico ou técnico que concede voz e visibilidade para esse sujeito-autor do século XXI? Essas questões estão longe de serem respondidas ao ponto de esgotarem suas possibilidades de possíveis respostas, contudo, instigam as reflexões que seguem em torno de uma produção contemporânea de literatura brasileira, com base, sobretudo, no que permeia os papéis do autor e do leitor na sua relação com a obra e com as tecnologias, campo ainda a ser muito explorado pela área de Letras.

A literatura midiaticizada e o discurso do espetáculo

As mudanças na literatura impressa e na “era digital” fazem com que a arte literária seja cada vez mais questionada com relação ao seu papel dignificado pela alta cultura e, por vezes, entregue ao superficialismo, aos temas ridículos, à falta de literariedade (pensando sob o viés do cânone), quando na verdade, elas devem ser observadas criticamente como uma tendência de tecnologia textual que configura aspectos das práticas de escrita e que merecem atenção por estarem ligadas diretamente ao processo de criação literária na contemporaneidade.

Quanto a esse contágio entre os dois meios, podemos pensar no delineamento de problemas com respeito à ficção contemporânea brasileira: o “autor midiaticizado” e o embate factual x ficcional. No envolvimento dessas duas perspectivas (os espaços digitais e a autoficção) no romance contemporâneo (esse dos anos 1990 até hoje), é possível pensar na multiplicidade de relações entre literatura e meio digital, sobretudo, entre práticas de literatura e a influência dos espaços virtuais na constituição da obra literária e da própria identidade do autor espetacularizado, o que evidencia uma tendência à autoficção e uma reconfiguração da noção de estética nas artes:

A estética visual contemporânea ou pós-moderna vem tendendo à multimídia, à mistura, à hibridação; ao mesmo tempo em que cultiva a ambigüidade, a indefinição, a indeterminação, a polissemia das mais diversas formas visuais busca ampliar ao máximo as suas possibilidades conotativas, procura a participação ativa do espectador num jogo de interpretação, ao manifestar visualidades efêmeras e descartáveis, tolera a

imperfeição, a imprecisão, a poluição, e as interferências externas pós-produção, valorizando a comunicação e as emoções dos grupos e ironizando sutilmente cânones e estereótipos visuais hegemônicos e banalizados da alta cultura. É possível perceber que as imagens do contemporâneo não se preocupam em apresentar pureza estilística ou em apresentar soluções inéditas de vanguarda, pois é resultado da intertextualidade, da citação, da cópia, da hibridação e de vários estilos. Ao mesmo tempo cultiva o grotesco, contradizendo conceitos estruturados de beleza. (DALPIZOLLO; RAHDE, 2007, p. 3)

Além da questão estética, há um significativo número de romances cujas técnicas de criação da narrativa empregadas por seus autores tratam da memória (por isso fala-se em autoficção), não apenas como recurso discursivo ou técnico, mas também, como fundamento para sua criação literária. Nesse sentido é que a escrita contemporânea de literatura permite-nos visualizar espaços de autorrepresentação e autoexposição da figura de um “eu” no limiar entre factual e ficcional, obras como em *O falso mentiroso: memórias* (2004), de Silviano Santiago, *Heranças* (2008), de Silviano Santiago, *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, *Cidade Livre* (2010), de João Almino como *Diário da queda* (2011), de Daniel Galera, *Dois rios* (2011), de Tatiana Salem Levy, *O espírito da prosa – uma autobiografia literária* (2012), de Cristovão Tezza, entre outras.

Essa “vitrine virtual” – a tela – problematiza questões da narrativa uma vez que esses escritores do século XXI anseiam por uma midiatização de seus escritos, promovendo esse jogo factual x ficção. Esse discurso autoficcional presente sobretudo nos blogues (mas também nos romances de agora), me instiga a refletir sobre essa tendência ao autoficcional como uma prática literária que preza por um “eu”, pelo si mesmo, caracterizador de uma subjetividade contemporânea no entremeio das tecnologias digitais. Por isso se fala em fragmentação de identidades, autoafirmação e publicização de “eus”, uma vez que somos sujeitos múltiplos.

As questões da memória como mecanismo presente no texto literário revelam um discurso autoficcional influenciado por uma exposição midiática em que percebemos o funcionamento de um hibridismo estrutural presente nas atuais práticas de escrita de literatura em meio impresso e digital (refiro-me aqui aos blogues e redes sociais). Aqui nos deparamos com a ideia do objeto literário como sendo “aquele que se constitui diante de um campo de leitura (texto-objeto, sujeito-crítico e leitura ela mesma)” (SANTOS, 1993, p. 183) e da ideia de fabulação, de Deleuze em *Imagem-Tempo* (de 1990), cujo processo de verdade e mentira fica em suspensão. Esse embate que envolve planos distintos – real e ficcional – caracteriza os

objetos literários, afinal, “a noção de ficção só se apresenta no seu sentido multívoco depois de esclarecida a noção de realidade em sua relação com a ficção” (HAMBURGER, 1986, p. 2).

Diante da literatura nesses dois meios, encontramos alguns problemas com relação à narrativa, por exemplo. Embora muito possa ser dito acerca da memória como elemento condutor do discurso, como é o caso de Cyro dos Anjos, cuja produção literária perpassa a ficção e o embate factual x ficcional em *O Amanuense Belmiro* (memória e ficção) e *A Menina do Sobrado* (memórias), por exemplo, assim como vários outros autores que perpassam pelo viés ficção e memória (já que todo texto literário é, de fato, um texto de ficção), a questão problemática ainda a ser tratada diante da exposição midiática do que chamo sujeito-autor, parece haver um processo de “retorno” ao passado na atual literatura, uma espécie de resgate. A ideia deste retorno estaria associada à noção de relação do passado com o presente, em que, de alguma forma, sempre buscamos algo do passado “extinto” e dialogamos com o presente, ou seja, “o eterno retorno é uma tentativa de unir os dois principais antinômicos da felicidade: ou seja, o da eternidade e o do “mais uma vez ainda”. A ideia do eterno retorno faz surgir por encanto, da miséria do tempo, a ideia especulativa (ou a fantasmagoria) da felicidade” (BENJAMIN, 1987, p. 174).

Esse retorno se complementa com a necessidade de uma espetacularização (e Guy Debord trata disso em *A sociedade do espetáculo*, de 1967) causada por essa diluição de fronteiras entre o eu o outro, entre autor e leitor, entre narrador e leitor, e o escritor contemporâneo se utiliza disso para expor sua intimidade, mesmo que falsa (referência ao pacto autobiográfico que Lejeune, em obra de 1975). É uma questão que envolve memória e subjetividade, afinal, qual texto de ficção não seria memória? Isso envolve ainda a questão do narrador, ora distanciado no tempo, ora vivenciando um presente fundado no passado.

Nesse sentido, “não há consciência sem memória”, para Bergson (1989, p. 191), e a memória, em geral, é um acúmulo e a retenção do passado no presente. Isso nos faz pensar a vida enquanto um acréscimo de experiências que nos remete ao passado e essa movimentação implica na problematização do (des)esquecimento (para lembrar é preciso antes esquecer). É o que Bergson vai chamar de (re)lembrar: “não ha continuação de um estado sem adição, ao sentimento presente, da lembrança de movimentos passados” (1989, p. 145).

Essa ideia do “eu” como matéria de ficção presente na literatura contemporânea privilegia “espaços biográficos” (termo de VIEGAS, 2008, p. 2) e gêneros autobiográficos como (auto)biografias, cartas, diários, memórias, e os que se desenvolveram no espaço

midiático, como as entrevistas, perfis, retratos, testemunhos, *talk-shows*, *reality-shows*, diários eletrônicos etc., todos ligados à uma exposição pública de si.

Por isso, posso dizer que a literatura do agora é a do discurso intimista, autoficcional, focado na (des)construção de identidades ou mesmo na construção de uma “identidade literária” em que pese a memória como fundamento para a criação da obra, o processo de “desesquecimento” ou da “desmemória”.

Essas crises de identidade e de representação (auto)biográfica, autoficcional, colocam o sujeito e a questão sobre a verdade do discurso em um terreno movediço, afinal, estamos nos referindo a sujeitos múltiplos e em constante transformação. O universo fictício da narrativa e os espaços virtuais na contemporaneidade, sobretudo, nos romances e blogues que tratam como matéria o “eu”, fazem com que esses discursos fundados na memória possam ser considerados ficções contaminadas com meias verdades justamente por serem escritos arraigados a uma imagem de espetáculo, cujo foco se volta para o sujeito-autor que está sendo observado o tempo todo.

Além disso, memória é fragmento e as lacunas devem ser preenchidas, o que leva o escritor a cometer um ato de desempenho sobre seu próprio discurso, criando uma ilusão, fingindo aquilo que não foi, mas que ao mesmo tempo pode ter sido. É possível dizer ainda que há um pacto (referência à Lejeune), mesmo que subentendido, entre leitor e autor, uma vez que ao tratar de ficção ou da fabulação do discurso narrativo (e aqui podemos nos referir a um conto ou romance, por exemplo), conseqüentemente, o posicionamento e expectativa desse leitor o colocam diante de uma falsa verdade, de um falso mundo:

O faz-de-conta contém o elemento de significação de ilusão e com isso uma relação com a realidade, formulada no conjuntivo irreal; porque a realidade do faz-de-conta não é a realidade que aparenta ser. A realidade do “como”, porém, é aparência, ilusão da realidade, que significa não realidade ou ficção. [...] E a ilusão da vida é criada na Arte somente por um “eu” vivo, que pensa, sente, fala. As figuras de um romance ou drama são personagens fictícios porque são construídos como “eus” fictícios ou sujeitos. Entre todos os materiais das artes, porém, é somente a linguagem que pode produzir a ilusão da vida, isto é, criar personagens vivos, sensíveis, pensativos, que falam também se calam. (HAMBURGER, 1975, p. 41)

O paradoxo memória x realidade, factual x ficcional, recai sob os contextos de produção, uma vez distantes e até concorrentes, mas que hoje revelam uma relação de

simbiose, de contágio, um apropriando-se do outro, sobretudo, diante do crescente aumento das práticas de escrita e leitura de literatura no meio digital.

Para além das instâncias do texto literário, pesa ainda o fato em que se preza por uma análise crítica das técnicas narrativas utilizadas no papel e na tela diante do atual cenário literário que se caracteriza por essa imersão do indivíduo (autor e leitor) nos ambientes virtuais, suscitando ainda questões filosóficas sobre memória na contemporaneidade e seu viés coletivo:

Se nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel de conceito analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. Se não quisermos nos deixar confinar numa aporia inútil, será preciso manter em suspenso a questão da atribuição a alguém – e, portanto, todas as pessoas gramaticais – do ato de lembrar-se. (RICOEUR, 2010, p. 23)

No universo literário representado pela imersão de indivíduos em práticas digitais, imersos no ciberespaço, como entender de que modo o texto literário é construído atualmente diante das novas dimensões espaciais disponíveis e o que mudou em relação aos tempos em que se estava preso ao papel? Não podemos cair no reducionismo e dizer que em ambos os suportes essas construções acontecem da mesma maneira.

Ainda sobre a memória, entendida aqui como parte constituinte do sujeito-eu que se manifesta como um reflexo autoafirmativo, um voltar-se ao “estar no mundo”, muitas vezes ela pode se resumir a um começo, meio e fim, por isso, as questões sobre memória podem ser pensadas como um modo de preservar-se ao mesmo tempo em que se expõe a figura de si, não apenas no nível empírico, singular, mas também, para o nível coletivo, público. Estou entrando aqui numa dimensão filosófica do eu e do outro desenvolvida por Paul Ricoeur em *O si-mesmo como um outro*:

A identidade-*ipse* emprega uma dialética complementar daquela da ipseidade e da mesmidade, isto é, a dialética do *si* e do *diverso de si*. Enquanto ficamos no círculo da identidade-mesmidade, a alteridade do diverso do si não apresenta nada de original... *O si-mesmo como um outro* sugere desde o começo que a ipseidade do si-mesmo implica a alteridade em um grau tão íntimo, que uma não se deixa sem a outra, que uma passa bastante na outra. (RICOEUR, 1991, p. 13)

Se essa ipseidade, *grosso modo*, está ligada à fenomenologia husserliana (e bergsoniana também) de que toda consciência é consciência de alguma coisa e à ideia da singularidade do sujeito-eu, talvez ainda possamos dizer que a necessidade dos indivíduos em lembrar, em esquecer, esteja justamente ligada ao fato de que, em meio a tantos registros de fatos e pessoas, voltar-se para si mesmo seja uma forma de preservar-se por meio do “outro” como parte constituinte deste, como observamos, sobretudo, no romance *Cidade Livre* (2010), de João Almino, e na obra de Sophie Calle.

Almino, por exemplo, realiza um jogo entre autor, narrador e leitor em seu romance. Aqui, o autor cria um narrador que se finge ser o próprio autor, mas não esclarece isso no texto. Além disso, esse narrador declara que o que estamos lendo é um blogue. Sophie Calle, por sua vez, escritora, fotógrafa e artista conceitual, volta-se para o universo virtual e utiliza várias mídias em seus trabalhos (fotografia, vídeos, textos). Seu artifício preferido, que a tornou mundialmente conhecida, é o de se valer de experiências de sua vida pessoal para a criação de seus trabalhos.

Contudo, ao tratar do sujeito-eu em sua totalidade no discurso (auto)biográfico, tanto no papel, quanto na tela, deve-se considerar que “se as identidades coexistem no indivíduo, mas se alternam na representação social, como seria possível dar conta das representações biográficas desse paradoxo sem reducionismos ou dilatações?” (CHAGAS, 2007, p. 13). De certo modo, este seria o princípio da identidade fragmentada ou em crise do qual alguns estudos sociais e pós-modernistas abordam e, em se tratando de memória e “manipulação” da verdade, essa “crise” tem reflexos significativos sobre a escrita, afinal, há de se considerar essa identidade em duas instâncias, ou seja, a pessoal e a narrativa:

A compreensão de si é uma interpretação; a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada; esse último empréstimo à história tanto quanto à ficção fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se preferirmos, uma ficção histórica, entre-cruzando o estilo historiográfico das biografias com o estilo romanesco das autobiografias imaginárias. (RICOEUR, 1991, p. 138)

Essas distintas identidades, real e ficcional, caem no embate factual x ficcional que reflete significativamente na escrita desse sujeito-autor nesta dimensão filosófica de Paul Ricoeur, mas que também é problematizada por Ana Teresa Fabris. Ela reitera que a fotografia passa pelo processo do “olhar do outro” e nos remete às primeiras tentativas de

representação sobre si e conservação da memória, nos colocando diante de um “sujeito ausente e encenando uma realidade fictícia que se interpõe entre esse indivíduo e o mundo” (FABRIS, 2004, p. 1).

Isso também ocorre no discurso literário, sobretudo, sob o foco da representação (auto)biográfica e que coloca esse “sujeito ausente” e a questão sobre a veracidade do discurso da memória em um ambiente relativizado e engendrado por um espaço tão maleável, fluido e inconstante como o universo possível da narrativa. Esse processo que envolve identidade tem relação direta com as práticas expositivas de si em meio digital, sobretudo, quando se trata da “obsolescência”, da “inutilidade” e “incerteza” de uma publicização de sucesso no sentido da visibilidade esperada pelo sujeito-autor que se expõe.

Se temos aqui a constituição de identidades em níveis distintos, em planos diferenciados (uma alusão à ideia da diegese), podemos dizer que a memória desempenha um papel essencial, uma vez que é ponto de partida para a criação ficcional, então, temos um processo de elaboração do objeto literário permeado por implicações de caráter ideológico, semântico, sintático, estrutural, imagético, temático, estilístico e uma série de outras nuances pelas quais o texto pode ser atravessado.

Percebam que trato aqui de dois ambientes, tanto o do papel quanto o da tela, ambos envolvendo o universo fictício da narrativa. Nesse sentido é que chamo a atenção para o processo de mediação da figura do sujeito-autor, ou seja, a mediação do processo de escrita e a imersão desses elementos nos ambientes virtuais que contribui, sobremaneira, para o modo como as narrativas se constroem e, conseqüentemente, para uma tendência ao autoficcional.

A autoficção não é restrita ao suporte impresso ou virtual, obviamente, o que ocorre atualmente é um processo de mediação do sujeito-autor que escreve, cuja visualidade é favorecida pelos ambientes virtuais. Nesses mesmos ambientes, os gêneros autoficcionais se destacam e fazem com que os envolvidos no processo, da criação à leitura, se coloquem imersos, também, em dois planos: o do universo virtual, desterritorializado, livre, como os blogues, por exemplo, e o do universo contemplativo da leitura em papel, ambos mantendo a mesma indefinição entre as fronteiras do factual x ficcional.

Azevedo vai dizer ainda que “a autoficção trabalharia assim para aprofundar a desconfiança platônica sobre a ficção e para desestabilizar o argumento aristotélico da impossibilidade de contaminação entre mimese e realidade. A estratégia da autoficção é mesmo a de parasitar, contaminar, conspurcar a ficção com a hibridização de seus

procedimentos de atuação” (2008, p. 46). Ora, a criação literária, que envolve ainda a constituição de identidades (pessoal e narrativa, como apontou Ricoeur) é baseada na realidade, isto é, essa realidade é o material da criação, assim como as experiências empíricas. Nesse sentido é que a autoficção na literatura contemporânea preza por essa premissa e pela necessidade da autoexposição, seja ela em meio impresso ou digital.

Conclusão

O cenário da mídia, da exposição, da “vitrine virtual”, faz com que o sujeito-autor seja observado o tempo todo, o que possibilita uma diluição de fronteiras ente esse sujeito, o leitor e o objeto literário, um jogo iniciado no passado, preso ao ambiente impresso e, agora, fazendo desse escritor contemporâneo uma figura cada vez mais acessível, sobretudo, diante de imersão dessas instâncias (autor, leitor e obra).

Contudo, em se tratando do romance contemporâneo, além dessa tendência ao autoficcional e a esse retorno ao “si-mesmo” em função de um “outro” ávido por essa publicização, observamos uma proximidade da narrativa com o cotidiano do leitor, recorrente em grande parte das produções do século XXI, não apenas sob o foco na memória como tema norteador do discurso, mas também dessa interferência do leitor modificando a trama e definindo os mecanismos de construção da obra literária muito em função dessa proximidade com sujeito-autor do texto.

A midiaticização do processo de escrita e a imersão desses elementos nos ambientes virtuais contribuíram, sobremaneira, para o modo como as narrativas se constroem e evidenciam a memória e o processo de “desmemória” cada vez mais presente nessas narrativas, afinal, é preciso esquecer antes de lembrar e Proust nos mostrou isso muito bem.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Luciene Almeida. Autoficção e literatura contemporânea. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 12, 2008. p. 31-49.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. v. 3 São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGSON, Henri. A consciência da vida. In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____. Introdução à metafísica. In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

CHAGAS, Jurema. *Blogs pessoais: a representação do eu na vida cibernética*. 2007, 122p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89768/243501.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 maio 2013.

DALPIZZOLO, Jaqueline; RAHDE, Maria Beatriz Furtado. Considerações sobre uma estética contemporânea. **E-Compós**, v. 8, p. 2-16, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/149/150>>. Acesso em: 21 maio 2012.

FABRIS, Ana Teresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

HAMBURGER, Kate. **A lógica da criação literária**. São Paulo: Perspectiva, 1986
Perspectiva, 1975.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2010.

SANTIAGO, A. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. Algumas considerações sobre o texto, considerado como objeto literário. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 1, 1993, p. 177-186.

VIEGAS, Ana Cláudia. O “eu” como matéria de ficção - o espaço biográfico contemporâneo e as tecnologias digitais. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 4, n. 2. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/14061/12928>>. Acesso em 20 maio 2012.